



## THE CHESHIRE CAT, RORTY AND THE WORLD OF REDESCRIPTIONS

### O GATO DE CHESHIRE, RORTY E O MUNDO DAS REDESCRIÇÕES

Kevin Daniel dos Santos Leyser - FURB<sup>1</sup>

#### RESUMO

Na obra *Richard Rorty: prophet and poet of the new pragmatism*, David Hall utiliza, brevemente na parte introdutória, uma metáfora comparando a atitude de ironia do pensamento rortiano com o “sorriso do gato de Cheshire”. Pretende-se neste artigo ampliar esta metáfora e introduzir, através da obra de Lewis Carroll, especialmente de seu personagem felino, conceitos chave do pensamento de Richard Rorty, como os de ironia e contingência.

**Palavras-chave:** gato de Cheshire, Richard Rorty, ironia, contingência

#### ABSTRACT

In the book *Richard Rorty: prophet and poet of the new pragmatism*, David Hall uses, briefly in the introductory part, a metaphor comparing the attitude of irony in the rortyan thought with the “Cheshire smile”. The purpose of this article is an attempt to broaden this metaphor and to introduce, through the works of Lewis Carroll, especially his

---

<sup>1</sup> É mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação, no curso de mestrado em educação, pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Contato e-mail: kev\_colman@yahoo.com.ar

feline character, key concepts of the rortyan thought, like the ones of irony and contingency.

**Key-words:** Cheshire cat, Richard Rorty, irony, contingency

## **1 INTRODUÇÃO**

David L. Hall em 1994 utilizou uma metáfora ao introduzir o pensamento de Richard Rorty comparando o emprego da ironia, tão distinto em suas narrativas, ao Gato de Cheshire, especificamente ao seu sorriso, sendo este, de acordo com o autor, um dos maiores motivos de antagonismos às propostas Rortyanas (HALL, 1994). Contudo, é possível perceber os efeitos do “sorriso Cheshire”, tanto na recepção crítica e polêmica que se prolifera em diversos âmbitos, em artigos e livros, dos mais variados filósofos e estudiosos, desconformes com suas interpretações peculiares de pensadores clássicos ou contemporâneos, incomodados pelo tom às vezes “ingênuo” e outras irônico, mas também deliberadamente provocativo de suas propostas, quanto no inegável fato de que seus escritos desfrutam de um incomum nível de popularidade para além dos confins da profissão (RODRIGUEZ ESPINOSA, 2003).

Partindo da imagem do Gato de Cheshire, sugerida por David L. Hall, pretende-se expandir esta metáfora e de maneira análoga introduzir alguns conceitos chave do pensamento rortyano, especificamente os de ironia, contingência da linguagem e contingência do indivíduo. Para cumprir com este intento apresentar-se-á o personagem Gato de Cheshire utilizando a obra de Lewis Carroll *Alice's Adventures in Wonderland* (1865), pois é através desta obra que as principais características que identificam o famoso gato são descritas e são estas que o tornaram conhecido do público em geral. Concomitantemente propõem-se enfatizar aspectos tanto da obra de Lewis Carroll quanto do personagem Gato de Cheshire para construir uma possível redescrição de alguns conceitos chave do pensamento rortyano.

## **2 O “CHESHIRE SMILE” E A IRONISTA**

No capítulo seis de *Alice's Adventure in Wonderland*, intitulado *Porco e Pimenta*, a pequena Alice entra na casa da Duquesa, que estava na cozinha segurando um bebê e ambas espirravam devido a pimenta que estava no ar. As duas únicas criaturas na cozinha

que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato sorrindo de uma orelha à outra. Logo, a curiosa Alice pergunta à Duquesa o motivo do sorriso do gato e esta lhe responde simplesmente: “é um gato de Cheshire”. É exatamente por este sorriso, chamado de “cheshire smile”, que este personagem singular é introduzido na obra.

De acordo com Martin Gardner (CARROLL, 2000a, p.138) a expressão “sorri como um gato de Cheshire”<sup>i</sup> era comum na época em que Carroll escreveu sua obra. Contudo, quanto à sua origem resta muitas dúvidas. Gardner sugere duas possíveis teorias, a primeira seria as imagens de leões com um sorriso de “orelha a orelha” pintadas em placas de sinais por um pintor da vila de Cheshire, situada na Inglaterra, localidade natal do próprio Lewis Carroll, a segunda teoria seria que em uma época os queijos da vila de Cheshire eram moldados na forma de um gato com aquele sorriso peculiar. Quem sabe é esta segunda teoria que carrega consigo a idéia de ironia explorada por Carroll, pois, como sugere a psicanalista Phyllis Greenaere (apud CARROLLa, 2000, p. 138) em seu estudo sobre Carroll, esta teoria provoca a fantasia de que o gato de queijo pode comer o rato que comeria o queijo.

Rorty em sua obra *Contingency, Irony and Solidarity* (1989) esclarece a atitude peculiar da ironista<sup>ii</sup>, deste atípico sentido de humor ao distanciar-se de si mesma e não tomar-se demasiadamente à sério (como, lançando a mão agora da imaginação, um gato de “queijo” poderia fazer de si mesmo, especialmente na presença de um rato). Ele diz o seguinte: em primeiro lugar a ironista “tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final por ela usado”<sup>iii</sup>; em segundo lugar “ela se dá conta de que os argumentos formulados no seu vocabulário presente não pode nem subscrever nem dissolver estas dúvidas”; e em terceiro lugar “ao filosofar sobre a sua situação, ela não pensa que o seu vocabulário aproxima-se mais da realidade que outros” (RORTY, 1989, p. 73). A partir desta descrição da ironista, proposta por Rorty, é possível compreender que tanto a contingência da linguagem quanto a contingência do indivíduo, de seu próprio self, são centrais. Ou seja, a ironista reconhece que ela mesma é uma rede de crenças e desejos e que se os seus vocabulários são contingentes, como admite que são, então o seu próprio self é contingente. Ou seja, “a dúvida da ironista sobre o seu vocabulário final é uma séria dúvida sobre o seu próprio self” (HALL, 1994, p. 130).

Carroll poderia ter sido influenciado pelo toque irônico do gato de queijo ao desenvolver o personagem do gato de Cheshire. É possível que tenha imaginado que se um gato possuísse uma crença, e que esta poderia se constituir como seu vocabulário final, e, sendo assim, que poderia descrever o seu próprio self “gatino” (assim como seus mais

profundos desejos), seria provavelmente a seguinte: “gatos comem ratos”, ou “gatos deveriam comer ratos”. Contudo o “gato de Cheshire”<sup>iv</sup> abre o seu sorriso ao perceber que ele é de queijo, e então há uma possível mudança em suas crenças mais íntimas, que poderia ser asserida, neste momento, assim: “ratos comem queijo”.

Assim como é possível imaginar o gato de Cheshire duvidando sobre o seu vocabulário final, a ironista de Rorty utiliza-se da contingência de sua linguagem e percebe que as suas próprias crenças e desejos que constituem o seu self são também contingentes. Jurandir Freire Costa esclarece afirmando que “para Rorty, o que denominamos sujeito não é um dado pré-existente aos elementos lingüísticos constitutivos de sua descrição. O ‘sujeito’, o ‘eu’ ou o ‘self’ são um efeito de linguagem” (COSTA, 1994, p.6).<sup>v</sup>

Para ampliar a compreensão destes conceitos chave do pensamento rortiano, o de contingência da linguagem e do sujeito, utiliza-se mais uma cena da obra de Carroll. No segundo capítulo da obra, intitulado *Um mar de lágrimas*, a menina Alice já havia passado por inúmeras transformações físicas e passou a questionar-se da seguinte forma: “Mas, se eu não sou mais a mesma, a pergunta é: ‘Quem afinal eu sou’? Ah, *aí* é que está o problema!” (CARROLL, 2000b, p.30). A pequena Alice, em sua pergunta, parece desejar encontrar em meio à tantas variações algo fixo que lhe seja de referência para dizer: “Esta sou eu”. Todavia, percebe logo que é exatamente nesta pretensão que está o problema. Para Rorty o sujeito não possui um referente fixo, o referente do sujeito é mutável e ele pode ter tantos sentidos quantos os que sejamos capazes de entrar em acordo para dizer “isso é o sujeito” (COSTA, 2001). O tecido de crenças que formam o sujeito só é performativo, isto é, só é capaz de agir alterando estados do mundo, da pessoa, quando está articulado ao conjunto das outras crenças. Isto pode ser aludido na continuação da cena de Alice, onde ela olha para o buraco do qual caiu no “País das Maravilhas” e imagina seus pais e amigos lhe dizendo: “Volte, querida!” e ela continua “Eu olharei para cima e direi somente: ‘Quem sou eu, então? Respondam-me primeiro, e então, se eu gostar de ser essa pessoa, voltarei; se não, ficarei aqui embaixo até que eu seja outra’” (CARROLL, 2000b, p.33). Ou seja, Alice aqui parece reconhecer que não é mais possível ter acesso ao conhecimento de quem ela é de fato, tanto por não haver um referente fixo, como por ser impossível o acesso puramente privado de “si mesma”. Ela então recorre ao uso da linguagem efetuado pelo seus pais e amigos, aqueles que formam a base de seu convívio social, que estabelecem as trocas que delineiam (utilizando concepções wittgensteinianas) a “forma de vida” na qual os possíveis jogos de linguagem são praticados e podem descrevê-la e redescreve-la, permitindo assim, como ela mesmo sugere, reinventar-se.

### 3 O PAIS DAS MARAVILHAS E O MUNDO DAS REDESCRIÇÕES

Será importante aqui comentar sobre o contexto em que os diálogos descritos por Carroll, através dos personagens de sua história, são possíveis de efetuar-se. Pois a compreensão deste contexto é a própria possibilidade dos diálogos. O chamado “país das maravilhas” ou “Wonderland” onde Alice vivencia as suas aventuras na verdade foi simplesmente chamado por Carroll, na primeira versão da obra de “Under Ground”. Em inglês esta expressão pode, ao menos apresentar três sentidos. O primeiro, e mais literal, significa simplesmente abaixo do solo. O segundo sentido, usado como adjetivo, refere-se a atividades realizadas em secreto para subverter uma ordem estabelecida, como por exemplo a *Czech underground literature*. O terceiro sentido, também como adjetivo, poderia referir-se a um grupo ou movimento que procura explorar formas alternativas de estilos de vida, radicais e experimentais, como por exemplo *The New York underground art scene*. Acredita-se ser possível ver nestes três sentidos, de alguma forma, semelhanças com o pensamento rortiano. Deixe-me esclarecer, se é que isto é possível, a seguir.

Na primeira cena da obra de Carroll, Alice fica curiosa ao ver um coelho que estava vestido, tinha um relógio, e falava. O coelho dizia que estava atrasado e saiu correndo em direção ao que parecia ser um toca em uma árvore. Cito agora uma parte da obra:

A toca do coelho, no começo, alongava-se como um túnel, mas de repente abria-se como um poço, tão de repente que Alice não teve um segundo sequer para pensar em parar, antes de se ver caindo no que parecia ser um buraco muito fundo.[...] Devo estar chegando perto do centro da terra. Deixe-me ver... devem ser uns seis mil quilômetros, por aí [...] (CARROLL, 2000b, p. 19-20)

Alice caiu, por ser curiosa – e neste caso parece que “a curiosidade não matou o gato” -, em um buraco que a levou “underground”, abaixo da terra. Em um primeiro momento ela somente caiu, não havia nada para ver. Logo após passou a ver coisas estranhas e esquisitas que não seguiam as regras de representação e padrões do mundo na qual Alice estava acostumada a vivenciar, pois já estava no que podemos dizer “mundo underground”. Neste mundo, o maravilhoso, como elemento de narrativa própria, penetrou na vida cotidiana de Alice transformando-a em algo estranho, num mundo inteiramente imaginário e desconhecido.

Rorty, assim como Alice, foi tomado pela curiosidade, característica do gato, e ao cair “na toca do coelho” percebeu que o que jazia abaixo de nosso mundo não eram

formas, fundamentos, idéias fixas e universais, mas sim contingências, o nosso mundo assim era “sem substâncias nem essências”. Ao explorar este mundo e descrever e redescrever suas aventuras, Rorty parece desenvolver uma atividade de subversão da ordem estabelecida, com sua postura antiessencialista, antirepresentacionista, e antifundacionista, assim como oferecer formas alternativas de expressão deste “mundo de redescrições” através da contingência, da ironia e da solidariedade.

Rorty, assim, defende a linguagem como um instrumento que o homem possui para redescrever a realidade que vive, para mudá-la, de acordo com suas necessidades, que surgem pelas contingências de suas relações no mundo. Essa perspectiva dá ao homem o poder de se redescrever e de transformar e modificar a realidade em que vive, responsabilizando-o completamente pelos usos que faz desse poder, não sendo mais um mero espectador, sem ter escolha de poder interferir na realidade que vive, já que seu objetivo principal seria o de desvelar e buscar um contexto permanente que determinasse todas as contingências de nossas vidas (linguagens, manifestações culturais etc) (AZEVEDO, 2007).

#### **4 O GATO DE CHESHIRE E RICHARD RORTY: BREVE CONSIDERAÇÕES**

Voltemos agora ao personagem felino do *País das Maravilhas*. O gato de Cheshire, na obra de Lewis Carroll (1865), mostra-se à menina Alice como um dos poucos personagens com quem ela consegue manter um diálogo, ao menos, um diálogo mais brando. Este personagem também o único que, de certa maneira, conduz e aconselha Alice em sua aventura por este mundo onde a sua descrição, e inúmeras redescrições, não conhecem limites possíveis. Além disto, o gato de Cheshire consegue dialogar com vários personagens deste mundo, aparecer e desaparecer, e ironizar a si mesmo, deixando ainda no ar o seu sorriso instigador.

É importante ressaltar estas características do gato de Cheshire, pois assim podemos perceber a centralidade de seu papel na obra de Carroll. O sorriso de orelha a orelha, podia tanto afastar alguns como atrair outros. Carroll sugere isto ao escrever que Alice ficou com certo receio quando viu tantos dentes, mas logo que iniciou um diálogo com ele percebeu acolhimento e sentiu-se falando com um amigo, um amigo um tanto peculiar, contudo certamente um amigo. Não é necessário aqui explorar esse efeito que Rorty provocou em tantas pessoas, como podemos averiguar em testemunhos de colegas e alunos, de pessoas

que se aventuraram aproximar-se de seu “sorriso Cheshire”<sup>vi</sup> e descobrir uma pessoa dedicada e acolhedora (GEUSS, 2008).

Uma característica importante do gato de Cheshire era a sua habilidade de desaparecer e reaparecer em diversas cenas e cenários e dialogar com personagens distintos. Com a Duquesa, a cozinheira e o bebe-porco; com o Chapeleiro maluco, a Lebre de março e o Dormidongo<sup>vii</sup>; com a Rainha, o rei e o executor, etc. Rorty, de maneira análoga, também possuía esta distinta habilidade de aparecer, desaparecer e reaparecer estabelecendo diálogos entre as “distintas tradições filosóficas” assim como em distintos cenários do debate político e cultural.

É de fato um desafio prazeroso imaginar as obras de Lewis Carroll, tanto a *Alice’s Adventures in Wonderland* assim como a *Through the Looking-Glass: and what Alice found there* como ferramentas que possibilitam inúmeras imagens facilitadoras, metáforas e analogias na tentativa de compreender melhor o pensamento de Richard Rorty. Entre tantas imagens proporcionadas por estas obras literárias quem sabe uma pode nos “aproximar” mais do “fenômeno rortiano”. O gato de Cheshire, em sua última cena no “País das Maravilhas”, desaparece lentamente, mas deixa o seu sorriso pairando no ar, enquanto diversos personagens do *País das Maravilhas* assim como de outro lugar, pois a própria Alice se encontrava em cena, entraram em um debate e continuaram a conversação. Quem sabe, podemos imaginar, que o “sorriso cheshire rortiano” paira e nos instiga a continuar na conversação e na busca de novos mundos, de novas redescrições.

<sup>i</sup> Na língua original: “Grin like a Cheshire cat”.

<sup>ii</sup> Rorty refere-se a figura “ironista” sempre no feminino.

<sup>iii</sup> Conjunto final de palavras que empregam para justificar suas ações, as suas crenças e suas vidas.

<sup>iv</sup> Na segunda cena em que o Gato de Cheshire aparece para Alice na obra de Carroll, a pequena menina o chama de “Cheshire-puss”. A palavra “puss” em inglês pode tanto significar uma maneira carinhosa de se chamar um gato, como também pode significar uma mulher, moça com características peculiares. Aqui chamo a atenção do uso feminino de Rorty para “ironista” e, possivelmente, da menina Alice para o gato de Cheshire.

<sup>v</sup> Neste ponto é possível perceber um dos efeitos dos escritos de Rorty, onde certamente o seu “sorriso Cheshire” paira no ar e desperta atenção em horizontes além das “disciplinas” por ele diretamente investigadas, isto é, em noções psicanalíticas.

<sup>vi</sup> É importante esclarecer que quando me refiro ao sorriso Cheshire, assim como o fez David Hall, não estou aludindo o sorriso de fato de Richard Rorty, mas, mais especificamente a sua atitude frente aos seus interlocutores. Temos o conhecimento por entrevistas e alguns escritos do próprio autor que ele se considerava um tanto quanto “anti-social”, e que de fato sorria muito pouco.

<sup>vii</sup> Vale aqui lembrar da analogia utilizada por Norbert Wiener em sua autobiografia “Ex-Prodigy” na qual ele compara Bertrand Russel com o Chapeleiro Maluco, assim como G.E. Moore à Lebre de Março e J. M. E. McTaggart ao Dormidongo. Curiosamente os três eram conhecidos na comunidade como “the Mad Tea Party of Trinity” similar nome utilizado por Carroll para o capítulo em que estes personagens aparecem (CARROLL, 2000a).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Flora Muniz Tucci de. **A concepção de contingência em Richard Rorty**. Rio de Janeiro, 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CARROLL, Lewis. **The Annotated Alice: the definite edition - Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass**. Ilustrado por J. Tenniel, com a Introdução e as Notas por M. Gardner. New York: The New American Library, 2000a, 345 pp.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das Maravilhas**. 2 ed. rev. São Paulo: [s.n.], 2000b.

COSTA, Jurandir Freire. Rorty e a Psicanálise. **Jornal Folha de São Paulo**, Caderno Mais!, 8 de Maio de 1994, pg. 6

COSTA, Jurandir Freire. Richard Rorty e a construção da subjetividade. In: **Saúde Sexo e Educação**. IBMR (Rio de Janeiro): V. IX, Nº 23, p. 27 - 33, 2001

GEUSS, Raymond. Richard Rorty at Princeton: personal recollections. **Arion**, winter, 2008, v. 15. n. 3.

HALL, David L. **Richard Rorty: prophet and poet of the new pragmatism**. Albany, NY: State University of New York Press, 1994.

RODRIGUEZ ESPINOSA, Gabriel. **Consecuencias del neopragmatismo: el espectro crítico de Richard Rorty**. San Cristobal de La Laguna, 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidad de La Laguna.

RORTY, Richard. **Contingency, irony and solidarity**. New York: Cambridge University Press, 1989.